



O que conta?"

Para citar, use a seguinte referência

Vieira, M. A. O que conta? Opção Lacaniana, n. 65 (São Paulo, EBP, abril de 2013).]

[Capa e índice](#)

Marcus André Vieira

Resumo

Como dar destino ao real sem passar pelos poderes da representação? Disso que o romance Edípico é paradigma? Dito ainda de outro modo: pode-se dar lugar estável ao gozo sem referência ao sujeito?

1.

Partamos da seguinte situação descrita por R. Barthes:

Nunca lhes aconteceu, ao ler um livro, de interromper incessantemente sua leitura não por desinteresse, mas ao contrário, por afluxo de ideias, de excitações, de associações? Em suma, nunca lhes aconteceu de ler *levantando a cabeça*?¹

Proponho que assumamos que, ao menos para Lacan, esse é o real do sujeito, sujeito como corte e não como subjetividade, pessoa, mas como ponto vazio no coração da subjetividade. Ao mesmo tempo ele é um vazio bem cheio. Topamos com algo em uma história que nos abre um mundo de possibilidades até então insuspeitadas.² Ler "levantando a cabeça" é entrar em contato com aquilo que a interpretação tem como objetivo apontar, o umbigo do sonho, é penetrar no "entre linhas" de um texto, que sustenta sua coesão e corporeidade.³

Sabemos que numa análise começamos por buscar pontos como esse. Aqui vem a questão. Um só ponto? Múltiplos modos de subjetivação e montagens corporais? Múltiplos corações ou um só? Este é um pouco nosso debate aqui: entre o Um e o múltiplo hoje.

A balança dos nossos dias, evidentemente, cai para o múltiplo, tendemos a gostar dele onde quer que apareça. Apesar disso, digamos que em uma análise queremos encontrar um só. Descortinar o ponto de convergência, ou origem, para alguém, do leque de suas múltiplas possíveis leituras (estou assumindo que ele não poderá ser, como queria Raul Seixas e como

♦ Comunicação apresentada na plenária "Narrativas de si" no Colóquio Internacional: Subjetividades e Montagens Corporais no Mundo Contemporâneo, Rio de Janeiro, UFRJ (Programa de pós-graduação em teoria psicanalítica), 23 a 25 maio 2013.

nos vendem hoje, uma metamorfose ambulante e tudo reescrever ou inventar, não é?) Para cada um há leque finito de possíveis e impossíveis para seu gozo.

Não há um só ponto, sem dúvida, além disso ele foge aparece em qualquer lugar. Mas, seguindo Lacan, no campo de possibilidades variadas de montagens pode haver um coração. Desde que ele seja deduzido, construído e não encontrado. Ele será sempre um objeto paradoxal, pois colagem de inúmeros fragmentos de singularidade com que topamos em uma análise, como neste sonho de W. Benjamin.⁴

Estava à margem esquerda do Sena, diante da Notre-Dame (...), mas não havia nada que se assemelhasse a ela. Somente os últimos níveis de um edifício de tijolos ultrapassavam um alto tapume de madeira que o envolvia. Estava em Paris, mas (diante deste prédio no coração de Paris) a saudade de Paris me invadia. De onde vinha esta saudade? E este objeto completamente deformado, irreconhecível? É que, no sonho, eu me tinha posto demasiado próximo. A incrível nostalgia que havia se apoderado de mim aqui, no coração do objeto desejado, era aquela que (...) prescinde da imagem (dele).

O umbigo do sonhos para Lacan se toma como este objeto. A incidência das sucessivas sessões, interpretações, pontuações e cortes, vai pacientemente delineando-o, recortando contra o fundo das tantas histórias. Ele é feito daquilo que nelas se repete sem servir. Ele seria, por exemplo, a montagem de fragmentos variados do amor de Benjamin por Paris que nele não couberam, por isso perto demais, necessariamente só meio visíveis.⁵

Esse objeto concentra a vida que não cabe na vida que se leva, o gozo do corpo em excesso com relação ao próprio corpo. Só pode ser aproximado assim. Portanto, se o real é o coração disforme da subjetividade, ele não é Um saber, nem mesmo Um furo, mas uma coisa que se vai descobrindo, um tanto de saber, um tanto de gozo, uma composição de restos. E que por conta de toda essa operação acaba por tornar-se um pouco mais companheira.

2.

Minha prática cotidiana tem essas coordenadas como norte.

Nossos dias, porém, fazem crer em um acesso direto ao real. Nada de dedução ou leitura. Quando éramos mergulhados no plano das grandes narrativas, podíamos de vez em quando encontrar seus centros de silêncio e mistério, os pontos em que levantávamos a cabeça para encontrar pouco a pouco nossas Notre Dames. Mas os dicionários de sonhos há muito foram substituídos pelos dicionários de sintomas (o *DSM*, por exemplo). Hoje somos expostos a uma chuva de designadores rígidos, cifras fixas de gozo: bulímicos, *aspergers*, mulheres-que-amam-demais etc, etc, que codificam e projetam cada milímetro de nossos corpos.

É como se pudéssemos, então, dispensar a leitura, a travessia das significações particulares de uma vida, por exemplo. O mestre contemporâneo não lê, contabiliza suas cifras.

Aos leitores, em lugar do encantamento pelo significante e suas condensações e deslocamentos, só resta a partilha entre aceitar ou rejeitar o ciframento da vez: apenas "gosto, não gosto", "contra ou a favor" "sou, não sou".⁶

Carentes de narrativas e de suas entrelinhas, estamos com dificuldade de passar do sintoma para o umbigo do sonho, do sofrimento para o sujeito, para a partir daí reconstituir o objeto. Como, então, dar destino ao real sem passar pelos poderes da representação? Disso que o romance Edípico é paradigma? Dito ainda de outro modo: pode-se dar lugar estável ao gozo sem referência ao sujeito? E sem que o seja por um designador rígido (do tipo "sou TDAAH").

Assim colocada a questão, creio que a resposta terá de ser “sim”, pois é o que ocorre em nossa clínica. O real em uma análise não é apenas vazio, silêncio, trauma ou o objeto de Benjamin. O próprio Benjamin prossegue e dá a pista:

[Que saudade era essa que prescinde da imagem?] Era a saudade feliz (o sentimento) que, tendo ultrapassado o limiar da imagem e da posse, conhece apenas a força do nome, da palavra, a partir da qual o ser amado vive, se transforma, envelhece, rejuvenesce e – por não ter imagem – é o refúgio de todas as imagens.⁷

Qual nome? Benjamin não diz, mas este real como nome da coisa, nome de um gozo fora da representação, também comparece em uma análise. Desde “O homem dos lobos”, uma análise produz nomes, alguns muito próprios, muito singulares, é difícil delimitar seu estatuto original. Estão fora do campo tanto da interpretação quanto da construção, pois não provêm de um saber externo ou anterior e não levam a nenhum saber.⁸

Apesar dessa dificuldade, ajuda-me nas situações em que parece não haver mais leitor, lembrar que é possível e necessário em uma análise, como foi na minha, ao menos para que ela se concluísse, articular o inconsciente com o horizonte desse campo em que não há leitura, em que o gozo não é mais objeto, mas apenas cifra, traço e que Lacan, entre tantos nomes, chamou às vezes de *letra*.⁹

3.

Numa esquematização quase grosseira, proponho que destaquemos este plano dos outros dois. É um gozo que não é nem fugidio, como o do sujeito, nem repetitivo como o do objeto, mas também é Um e não múltiplo. Temos trabalhado nesse sentido na AMP e a EBP, a partir das indicações de leitura J. A. Miller, o *Seminário 19*, pois nesse seminário tão difícil a questão do Um é central. Talvez possamos dizer que Lacan visa nem tanto o Um do sujeito ou do objeto, mas explora outros Uns. Tanto o que chamei agora há pouco de cifra-fixa, do diagnóstico rígido, quanto o Um da letra que é cifra, só que outra cifra (não a do DSM). Esse seminário explora, segundo a bela formulação de Miller, exatamente o “Um-dividualismo contemporâneo”.¹⁰

Isso que não se localiza em análise nem pela interpretação ou pela construção como se apresenta? Não pode ser lido, se por leitura entendemos alguma relação com o sentido, nem construído se por construção entendemos uma composição de fragmentos. Ele pode, porém, como afirma Lacan, cito, ser “colhido em uma rede de escrita”.¹¹

Difícil. Para um rápido vislumbre na clínica do que me parece essa diferença entre interpretação, construção de um lado e escritura, nomeação (ou reiteração, como propõe J. A. Miller), de outro, um exemplo:

Um homem se pergunta sobre a excitação que o toma quando seu pai lhe põe ocasionalmente a mão na perna. Só isto. Houve época em que nesse ponto intervinham pensamentos obsessivos sobre uma identidade homossexual (que nada tem a ver com seus interesses, mas que lhe provocavam os mais variados rituais).¹² Após um bom tempo de análise e de ter reduzido o conjunto de seus determinantes a pouca coisa, ele chega a esse limiar, assinalado por aquela mão na perna, em que parece possível encontrar-se com algo ali, naquele instante, que ainda é bem dele, um mundo de amor e gozo com relação a outro homem, mas que se libertou de leitura obrigatória que lhe impunha seu pensamento, o pensamento de uma tendência homossexual, por exemplo.

Aqui precisamos da diferença, indicada por Lacan no *Seminário 19*, entre *parte* e *elemento*.¹³ Fazer parte de um conjunto não é a mesma coisa que ser elemento dele. São modos distintos de presença e existência. Por exemplo, somos, cada um, aqui, elementos desse auditório, somos contabilizáveis. Mas o que temos nas bolsas e bolsos ficarão imprecisos, desta plenária não são elementos, mas fazem parte dela. Nossos celulares e os amigos do *facebook* são parte desse momento que estamos vivendo, mas dele não são elementos.

Quando para aquele sujeito obsessivo da mão na perna o traçado do encontro com o desejo do Outro tinha que ser contabilizado, ser um elemento de sua história, ele tinha que ser incluído como homossexualidade, pois só podia tomar este tanto de vida como elemento e não como parte. Esse é justamente o drama do obsessivo.

Mas também da menina que, pequena, vê o pai adormecer em seu colo e, incapaz de se mover para não acordá-lo, fica imóvel por longuíssimo tempo. Quando ele acorda e se levanta, ela tem em sua coxa a orelha do pai marcada em vermelho. Essa cena indelével registra o gozo que lhe foi subtraído e ao mesmo tempo aquele que, por esse próprio trilhamento, encontrou um modo de se contar - sempre do mesmo modo, como elemento, primeira marca de sua eterna decepção com os homens que na hora H deixam-na sozinha.

4.

Podemos opor o trilhamento tomado como elemento, de leitura fixa, ao mesmo trilhamento vivido em sua abertura, como parte. Mas há mais. Lacan demonstra como é possível passar de um para o outro. Estes trilhamentos, como os que eu acabo de destacar, mão e orelha, não precisam ser elementos de uma vida, podem ser parte. Não poderei demonstrar.¹⁴

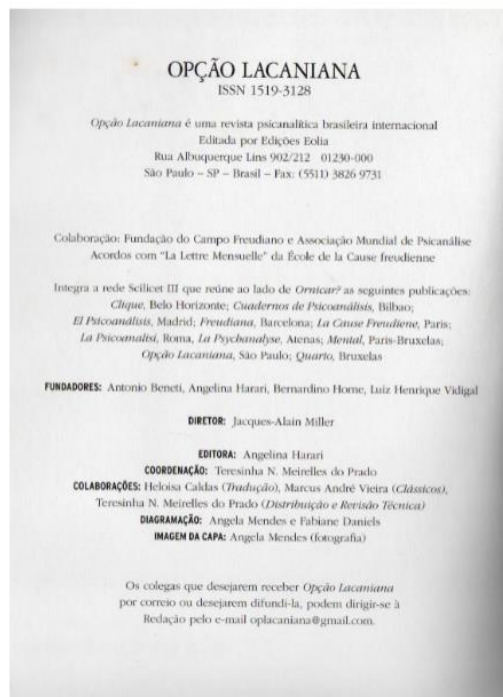
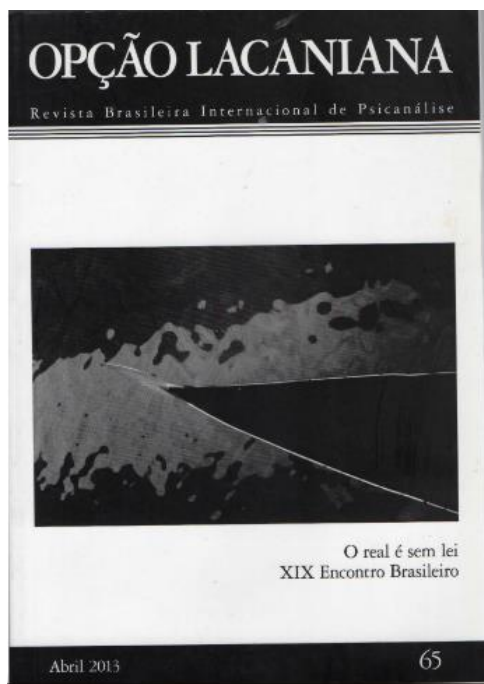
O que define se algo entrará na conta como elemento ou parte? O modo de contar, claro. Não como narrativa, mais como registro, como “rede de escrita”. É o que permite uma análise, que ao reunir tanto o que se conta quanto o que não se inclui na conta, pode levar um gozo até então tomado no plano dos elementos a ganhar lugar como parte. Não mais a homossexualidade obsessiva, portanto, mas uma excitação deslocalizada que nasce com a mão do pai pousada na perna e que pode, então, servir a novos fins.

Isso envolve o paradoxo de nomeações que nem são de fora, nem produzem leitura, nenhuma significação além delas mesmas. A meu ver, o principal é como esse modo de lidar com a letra traduz um novo modo de viver o próprio corpo. O traçado deste gozo do Outro em nosso corpo continua fixo, dependendo da contingência histórica dos encontros, prazeres e dores de uma vida, como a mão ou a orelha, mas não será mais trilho e sim o que Lacan chama de *litoral*.

É uma última metáfora, para concluir. Trata-se do litoral do célebre apólogo, para quem conhece, do texto *Lituraterra*¹⁵ Nele Lacan, da janela do avião compara o traçado do Outro em nosso corpo, por onde escoo o gozo, definido como letra, a um litoral.

É preciso, porém, para bem situar a metáfora viver o litoral a que se refere Lacan “de dentro” e não da janela do avião. Senão trilho ou litoral dão na mesma. Sempre delineando um traçado igual a si mesmo e à repetição de um mesmo gozo. Talvez seja a ambição máxima do que poderia uma análise: nos tirar definitivamente da visão panorâmica para viver nosso corpo sem olhá-lo de cima, sem GPS ou mapa, mesmo sabendo que ele tem rotas pré-fixadas. Desse modo elas são vividas de outra forma.

De fato, só do alto o litoral é sempre o mesmo. “De dentro” o gozo é letra, veio aberto e não trilho fixo. Quando estamos na praia, na beira da água, o encontro entre água e areia produz diversas áreas de ativa indefinição. Esse é o lugar de Um traçado de gozo, ele é Um e estabiliza nossos corpos, mas permite a surpresa de um gozo litoral, de leitura por definir; não mais no coração, mas em qualquer parte do corpo; seguindo uma linha definida, mas vivo, sujeito a tempestades, assim como às delícias do entre-dois.



¹ *Le bruissement de la langue*, Paris, Seuil, 1984, p. 33.

² É abrir-se à sua "galáxia de significantes" (Barthes, R. S/Z, Paris, Seuil, 1970, p. 11).

³ E que Lacan aproximou da dimensão do desejo como presença de uma ausência (cf. Lacan, J. Escritos, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 630).

⁴ Benjamin W. *Rêves*, Paris, Gallimard, 2009, p. 55.

⁵ Ele será sempre assim, como a Notre Dame de Benjamin, objeto disforme envolto em tapumes no coração de sua enorme Paris, cheia de luzes e passagens.

⁶ Quando, mais do que nunca, ir do simbólico ao real sem passar pelo imaginário parece possível, é bom lembrar que a psicanálise, como define Miller, toca no real, no que ele tem de simbólico, mas a partir do que o simbólico tem de imaginário Miller, J. "A formação do analista", *Opção lacaniana* n. 37, São Paulo, EBP, set 2003, p. 27.

⁷ *Ibem, ibidem*.

⁸ Cf. Milner, J. C. "As classes paradoxais", *Os nomes indistintos*, Rio de Janeiro, Cia. de Freud, 2006, p. 89-95.

⁹ Cf. "Lituraterra", *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003.

¹⁰ Miller, J. *A op. cit.*, lição de 23 de março de 2011. É o que pode ser de ajuda em dias de um Outro pretensamente múltiplo na base por estar livre do Um do sujeito, condição do romance.

¹¹ Lacan, J. *... ou pire*, Paris, Seuil, 2011, p. 100. Cf. tb. "... o inconsciente tem poucos recursos, o inconsciente e a interpretação que é do mesmo nível" e "[há uma] existência além da interpretação, ou seja, o sintoma como iteração.", Miller, J. A. *Orientação lacaniana*, curso de 2010-2011, Paris, inédito. lição de 4 de maio de 2011.

¹² Do mesmo modo, quando a sós com seu próprio filho, sua emoção só encontrava forma por meio de uma ideia insuportável: "e se eu o beijasse na boca?"

¹³ Lacan, J. *O Seminário, livro 19, ... ou pior*, Rio de Janeiro, JZE, 2012. As seguintes passagens concentram, neste seminário, o que desenvolvo: "Além disso, no Um da diferença há duas coisas: o um que surge do zero, o do elemento, e o um do somatório dos subconjuntos (das partes) de um conjunto (p. 164)". "Quando se trata de articular sua consequência, o Um da diferença tem que ser contado como tal no que se enuncia daquilo que ele funda, que é conjunto e que tem partes. O Um de diferença é não apenas contável, como *tem* que ser contado nas partes do conjunto" (p. 181). "O alicerce da teoria dos conjuntos é que o um, que há, o do conjunto das partes, é distinto do um do elemento, o *singleton* é o que marca o um do elemento" (p. 138). Cf. Badiou, A. *Ser e evento*, São Paulo, Boitempo, 2009.

¹⁴ Mais do que apenas indicar a diferença entre parte e elemento, Lacan se apoia na propriedade matemática de que o conjunto que inclui partes e elementos, mesmo impreciso, é sempre maior que o conjunto dos elementos apenas. A partir daí, demonstra como este gozo a mais pode ser incluído na conta sem ser necessariamente contabilizado. Mas dito de outro modo, a vida é sempre mais do que sua narrativa, o real está sempre em excesso com relação ao simbólico, ao que se conta (cf. Lacan, J. *ibid*).

¹⁵ Lacan, J. "Lituraterra", *op. cit.*